

Entre fios, passos e estrelas: Aprendizados de um Professor em Timor-Leste

Raimundo Santos de Castro

São Luís, Maranhão, Brasil

raicastro@ifma.edu.br

Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão,

Campus São Luís – Monte Castelo

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6762-836X>

Recordo-me com vívida nitidez do instante em que meus pés tocaram, pela primeira vez, o solo de Timor-Leste. O calor úmido colava-se à pele como um véu espesso e invisível, e o ar trazia consigo o perfume ancestral da terra misturado à maresia, como se me avisasse que aquela chegada marcava não apenas uma travessia geográfica, mas uma jornada profunda, talvez irreversível, de dentro para fora. Havia um silêncio espesso, denso de significados, entremeado pelo riso solto das crianças que corriam pelas ruas de Díli com os pés descalços, desenhando trajetos invisíveis sobre o chão quente. Os olhos delas, acesos por uma curiosidade sem defesas, cruzavam os meus com uma intensidade que parecia atravessar a pele. Era como se a própria ilha me olhasse, me pesasse, me recebesse com uma generosidade silenciosa, ainda que cheia de interrogações.

Cheguei como professor, trazendo comigo livros encadernados com o peso da academia, ideias estruturadas com a lógica da razão ocidental, planos de aula traçados com a esperança de que seriam instrumentos eficazes para a transmissão do conhecimento. Era um dos muitos educadores brasileiros enviados em nome da cooperação internacional, com a “missão” de ensinar matemática. Acreditava, com a convicção dos que ainda não foram confrontados pelo abismo da diferença, que os saberes que trazia seriam naturalmente absorvidos, pois julgava-os universais, incontestáveis, neutros. Mas a neutralidade do saber é ilusão cultivada por quem nunca precisou confrontar seus limites.

Logo nos primeiros dias, percebi que as minhas palavras, cuidadosa e academicamente elaboradas, não encontravam eco. As aulas, construídas sobre uma lógica abstrata, pairavam desconectadas da realidade dos alunos, como palavras lançadas ao vento numa língua estrangeira. A matemática que eu pretendia ensinar, sustentada por axiomas, definições e demonstrações, parecia flutuar acima da vida cotidiana, sem tocar o chão que aquelas crianças e jovens pisavam com os pés firmes, calejados por outras jornadas, outros aprendizados.

Foi nesse silêncio entre o que eu dizia e o que não era escutado que a etnomatemática se revelou, não como conceito teórico, mas como uma necessidade vital. Descobri, então, que a matemática já habitava aquele território – não nos quadros, não nos livros, mas nos gestos cotidianos, nos modos de viver e de organizar o mundo. Um dos símbolos mais potentes dessa descoberta foi o *Tais*, o tecido tradicional timorense, confeccionado em teares rústicos, pelas mãos pacientes das mulheres das comunidades. Nos entrelaçamentos minuciosos de seus fios coloridos, percebi a presença de simetrias perfeitas, padrões rítmicos e proporções cuidadosamente preservadas. Cada *Tais* era um manifesto silencioso de um pensamento geométrico sofisticado, ainda que não nomeado nos termos da tradição escolar ocidental.

Ali compreendi que os saberes matemáticos não se encerram nas fórmulas consagradas nos tratados escolares. Estão também – e talvez sobretudo – nos modos como as pessoas contam o tempo, medem o terreno com os próprios passos, distribuem a colheita conforme princípios de justiça ancestral. São práticas racionais, estruturadas, embebidas de sentido e completamente inseridas no tecido social. Entendi que minha tarefa não era impor um modelo matemático, mas criar pontes entre linguagens: entre a matemática que eu conhecia e aquela que já era vivida ali, com beleza e legitimidade. O conhecimento, percebi, precisa ser enraizado para florescer – e as raízes não se fazem de fórmulas, mas de pertencimento.

A etnomatemática, nesse contexto, tornou-se mais do que um campo de estudo: foi um caminho de reconciliação entre o ensinar e o escutar, entre o saber e o reconhecer. Abandonei, com humildade, meu plano de ensino original e passei a observar. A sala de aula se expandiu – ganhou as feiras, os quintais, os rituais e os mercados. Os tecidos passaram a ser analisados como geometrias vivas; a pesca se tornou uma aula de estatística empírica; a arquitetura das casas revelou princípios de equilíbrio e proporcionalidade; a partilha do alimento, uma lição sobre justiça distributiva. O conteúdo escolar, antes estrangeiro, reencontrava sua forma no mundo real, encarnava-se nas práticas diárias e, assim, fazia sentido.

E assim, gradativamente, os olhares antes dispersos tornaram-se atentos; os corpos, engajados; os silêncios, fecundos. A matemática se fez próxima, visível, legítima. Aprendi que ela não é uma construção única, mas uma tessitura plural de saberes que emergem da relação de cada povo com sua terra, seu tempo, sua história. O erro, tantas vezes cometido no ensino, é tratar esse saber como uma ciência única e apartada da vida. Mas Timor-Leste me ensinou que a matemática é, também, poesia da razão – escrita nos gestos, nos ritos, nas práticas cotidianas.

Ao partir, não levei apenas lembranças ou fotografias: levei comigo uma nova ética de ensino. Aprendi que educar é, antes de tudo, reconhecer. E que a matemática, para ser ensinada com verdade, precisa primeiro ser escutada em sua forma mais humana – aquela que habita os cestos, os cantos, os passos e os fios. Porque é ali, nas tramas da vida, que ela se revela com toda sua potência. E cabe a nós, educadores, cultivar o olhar sensível que permite vê-la onde antes só víamos silêncio.

Foi nesse exercício de escuta e presença que descobri uma verdade ainda mais profunda: a matemática não é apenas número, medida ou proporção. Ela é, sobretudo, relação – entre corpos, entre tempos, entre mundos. Ensinar, ali, deixou de ser um ato de fala para se tornar um gesto de escuta. E nesse gesto, algo em mim também se transformou.

A experiência em Timor-Leste alargou meus horizontes epistêmicos e afetivos. Passei a reconhecer que ensinar não é colonizar a mente do outro com a nossa lógica, mas deixar-se também interpelar por outras formas de pensar, de ordenar o mundo, de atribuir sentido ao que se aprende. A matemática que emergia daquele contexto não era menos rigorosa, tampouco menos válida: era simplesmente outra, distinta na forma, mas equivalente em valor e complexidade. Era uma matemática entranhada no cotidiano, moldada pelo ritmo da vida, pela oralidade, pelos símbolos da cultura local.

Aos poucos, fui percebendo que minha própria noção de conhecimento estava enraizada em um paradigma que, muitas vezes, excluía aquilo que não se encaixava em seus moldes. Perceber isso foi doloroso, mas também libertador. Porque ao aceitar o desafio de descentrar-me, de abandonar a posição de quem sabe, pude, enfim, tornar-me aprendiz. E esse movimento – do centro à margem, do saber à escuta – me permitiu adentrar em territórios até então inacessíveis à minha compreensão.

Timor-Leste me ofereceu mais que paisagens e experiências pedagógicas: ofereceu-me uma outra cartografia do sensível. Uma forma de olhar o mundo onde o saber não se impõe, mas se compartilha; onde o tempo não se mede apenas em horas, mas em ciclos e celebrações; onde o ensinar é uma dança entre quem fala e quem acolhe, entre quem mostra e quem já sabe, mesmo que em outra linguagem. E foi nessa troca que compreendi: educar é, sobretudo, reconhecer a humanidade do outro em sua inteireza, com seus modos de existir e seus caminhos próprios de conhecer.

Assim, o professor que voltou ao Brasil não era o mesmo que partira. Algo em mim havia sido reconfigurado, como se um novo eixo de compreensão tivesse sido instaurado. Trouxe comigo o compromisso ético de continuar ensinando, sim, mas agora com o coração mais aberto, com o olhar mais atento às vozes silenciadas, com o desejo genuíno de construir uma educação verdadeiramente dialógica, justa e plural.

**Entre fios, passos e estrelas:
Aprendizados de um Professor em Timor-Leste**

**Among threads, footsteps and stars:
Lessons of a Teacher in Timor-Leste**

**Entre hilos, pasos y estrellas:
Aprendizajes de un Profesor en Timor-Leste**

Resumo

Este ensaio-reflexão narra a experiência de um professor brasileiro em Timor-Leste e os impactos dessa vivência na forma de compreender e ensinar matemática. A partir do encontro com os saberes locais, especialmente por meio do *Tais* e de práticas cotidianas timorenses, o autor descobre a etnomatemática como uma perspectiva sensível e necessária. O texto propõe uma educação matemática enraizada nas culturas, sustentada pela escuta, pelo respeito e pela construção de pontes entre diferentes formas de conhecimento.

Palavras-chave: Etnomatemática. Cultura. Educação Intercultural. Ensino de Matemática. Saberes Locais.

Abstract

This reflective essay recounts the experience of a Brazilian teacher in Timor-Leste and the impact of that journey on his way of understanding and teaching mathematics. Through the encounter with local knowledge—especially expressed in the *Tais* fabric and in everyday Timorese practices—the author discovers ethnomathematics as a sensitive and necessary perspective. The text advocates for a mathematics education rooted in culture, supported by attentive listening, mutual respect, and the building of bridges between diverse ways of knowing.

Keywords: Ethnomathematics. Culture. Intercultural Education. Mathematics Teaching. Local Knowledge.

Resumen

Este ensayo-reflexión narra la experiencia de un profesor brasileño en Timor-Leste y los impactos de esa vivencia en su forma de comprender y enseñar matemáticas. A partir del encuentro con los saberes locales—especialmente a través del *Tais* y de las prácticas cotidianas timorenses—el autor descubre la etnomatemática como una perspectiva sensible y necesaria. El texto propone una educación matemática enraizada en las culturas, sostenida en la escucha, el respeto y la construcción de puentes entre diferentes formas de conocimiento.

Palabras clave: Etnomatemática. Cultura. Educación Intercultural. Enseñanza de las Matemáticas. Saberes Locales.